



A ESCOLA NA VISÃO DOS LICENCIANDOS EM QUÍMICA DO IFG - URUAÇU: BOLSISTAS DO PIBID, EX-BOLSISTAS DO PIBID E NÃO PARTICIPANTES DO PIBID.

**Darlyane Aparecida da Costa Ribeiro¹
Fabiana Gomes², Laudelina Braga³, Alécia Maria Gonçalves⁴**

¹IFG/ darlyane_ap@hotmail.com

²IFG/ fabiana_rs@yahoo.com.br

³IFG/ linnabraga@hotmail.com

⁴IFG/ aleciam18@gmail.com

Resumo:

Este trabalho teve como objetivo investigar as concepções sobre escola e ensino de química, que alunos matriculados na disciplina de estágio III, do IFG campus Uruaçu, construíram. Utilizando como metodologia de pesquisa um questionário aberto, que foi respondido por nove alunos da Licenciatura em Química, matriculados no estágio III, alguns pibidianos ou ex-pibidianos, outros até o momento não participaram do PIBID. A análise dos dados se deu de forma qualitativa a fim de construir novas compreensões sobre discursos e fenômenos. Pôde-se ressaltar que o ambiente escolar influencia na qualidade do ensino, e que na visão dos licenciandos a escola é responsável pela formação de cidadãos críticos atuantes, e que os professores continuam apegados à forma tradicional de ensino, não possibilitando a utilização de novas metodologias. Mesmo com as fragilidades os licenciandos em química ainda conseguem ver na escola a oportunidade de tornar a sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Escola; Ensino de Química; PIBID.

Introdução

Para Libâneo (2004), a escola é a instituição responsável pela formação cultural e científica da sociedade, abrangendo a ciência, a técnica, a linguagem, a estética e ética e, por conseguinte, uma escola de qualidade leva em consideração as questões econômicas, políticas, culturais e pedagógicas. Libâneo (1996) resalta que os principais objetivos da educação básica são: preparação para o mundo do trabalho, formação para cidadania crítica, preparação para a participação social e formação ética. Nesse sentido, a escola deve impulsionar o desenvolvimento de capacidades cognitivas, produtivas e sociais com a utilização dos conhecimentos sistematizados; possibilitar condições que fortaleçam a subjetividade e a identidade cultural; capacitar para o trabalho e para a sociedade tecnológica e comunicativa; formar cidadãos críticos, capazes de transformar a realidade.

Uma das questões levantadas por Paulo Freire é de que a escola seria responsável pela educação transformadora da sociedade e salienta que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da

educação” (FREIRE, 1991, p. 84 apud MACEDO, 2012, p.113). Ou seja, a sociedade influencia na forma como se organizam os objetivos educacionais e as ações pedagógicas, mas em contrapartida, a função social da escola é a partir de um currículo significativo com base sólida e crítica, buscando contribuir com a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo Costa (s/d), ao trabalhar os conteúdos na abordagem contextualizada e multidisciplinar, a escola proporciona aos alunos o desenvolvimento de habilidades para se tornarem cidadãos capazes de participarem efetivamente na sociedade. Ao professor é atribuído o papel principal neste processo.

Para amenizar o impacto que a prática pedagógica exerce sobre o recém professor, os cursos de licenciatura possuem como disciplinas obrigatórias os estágios supervisionados e as práticas de ensino, além de programas institucionais criados dentro de políticas públicas, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID¹.

Desta forma, a presença do licenciando nas escolas, ou na figura do bolsista do PIBID ou na figura de estagiário, o faz informado das situações de ensino-aprendizagem e atividades desenvolvidas pela escola, criando oportunidades de observações, reflexões e intervenções nas práticas ofertadas. Estes são orientados a serem atuantes e participativos, planejando e desenvolvendo atividades contextualizadas e dinâmicas nessas escolas.

Outro aspecto a destacar é que a participação efetiva dos bolsistas do PIBID nas escolas o faz conhecedor do processo educacional e formativo enquanto futuros professores.

[...] o PIBID é compreendido como um espaço que possibilita a integração e/ou cooperação entre universidade-escola, oportunizando aos futuros professores o entendimento e a reflexão sobre a profissão docente e também sobre a realidade escolar, valorizando o espaço escolar como campo de experiência para a produção de novos conhecimentos durante sua formação (PAREDES; GUIMARÃES, 2012, p. 276).

Com esta pesquisa almeja-se investigar as concepções sobre escola e ensino de química, que alunos matriculados na disciplina de estágio III, do IFG campus Uruaçu, construíram.

Metodologia

Para conhecer as concepções sobre escola, sobre relação aluno-ciência e sobre o ensino de química/ciência, realizou-se uma pesquisa de caráter descritivo exploratório com a

¹ PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

aplicação de um questionário, constituído por perguntas de resposta aberta, aos licenciandos em química matriculados na disciplina de Estágio III. O questionário foi respondido por nove alunos, sendo cinco deles bolsistas (B) ou ex-bolsistas (EB) do PIBID e por quatro alunos do curso de licenciatura que não tiveram experiência com regência (NTER).

O questionário de análise continha as seguintes questões:

- I. Qual o papel da escola para você?
- II. Como você percebe a relação que o aluno tem com a química/ciência?
- III. Imagine-se professor de uma turma. Como deve ser o ensino de química/ciência?

A interpretação das informações coletadas pelo questionário foi realizada à luz da análise textual de discurso, que é definida por Moraes e Galiazzi (2011) como uma metodologia de análise de dados qualitativos que tem por finalidade produzir novas compreensões sobre discursos e fenômenos.

Resultados e discussões

Alguns licenciandos apontam o papel social da escola como prioridade na formação do jovem de hoje, como pode ser conferido pelos relatos de L1(B), L2 (EB) e L4 (B):

A escola tem como papel principal o de formar o aluno, mas não somente uma formação formal, mas também formá-lo para viver em sociedade (L1). A escola inicialmente é um meio de integração social, prepara para a cidadania e por último, forma intelectualmente (L2). O papel da escola é propiciar ao educando meios reais para sua formação e inclusão na sociedade. Não apenas como sujeito da sociedade, mas como ser capaz de transforma-la (L4).

No entanto, este mesmo jovem (L1) que afirma que o aluno deve ser educado para viver em sociedade vê a escola como obsoleta e desagradável. Obsoleta em termos de tecnologia e em termos de velocidade da informação, aspectos também observados na sociedade em geral, em específico nas práticas dos professores. O discurso tradicionalista de L5 afirma que o objetivo da escola seria a instrução, contradizendo o fato de atribuir ao professor 'dar o caminho' para atingir o conhecimento, ação está caracterizada como mediação. “A escola tem o dever de instruir os alunos dar o caminho para que estes educandos consigam atingir o conhecimento (L5 - B).”

O conhecimento nesta visão é tido como um alvo, o final de uma trajetória que o aluno deve alcançar na escola. O licenciando L6 (NTER) (declara em suas respostas o Estado

como principal responsável pela escola não possibilitar uma educação justa e igualitária ao afirmar que “*A Escola possui a meta de educar seus alunos, onde nem sempre o estado consegue investir para que isso ocorra de forma igual para todos*”. A escola é uma instituição mantida e controlada pelo Estado como espaço de formação de conhecimentos que sejam interessantes para uma determinada sociedade. Se considerarmos o papel social da escola devemos esperar que haja mudanças, uma vez que as necessidades da sociedade estão em constantes transformações. A questão neste ponto é que “por trás de qualquer intervenção pedagógica consciente se escondem uma análise sociológica e uma tomada de posição que sempre é ideológica” (ZABALA, 1998, p. 29).

A relação aluno-química na visão dos licenciandos é influenciada pelo discurso que esta ciência é vista apenas pela decoração de fórmulas, cálculos e conceitos abstratos.

Os alunos além do pré-conceito em relação à química, se deparam com conceitos abstratos que pouco se relacionam com a vida cotidiana do aluno. Quando o professor consegue ministrar esses conceitos com outra roupagem que o aluno veja o que está sendo discutido ali presente na sua vida, o engajamento e a visão geral sobre a disciplina muda de maneira bastante positiva (L4).

Para alguns bolsistas do PIBID, as aulas geralmente não possuem conexão com o cotidiano do aluno, e apontam esse motivo como o principal responsável pela falta de interesse pela aprendizagem. Entretanto, o ensino de Química deve oportunizar “ao aprendiz uma reflexão crítica do mundo e um desenvolvimento cognitivo, através de seu envolvimento de forma ativa, criadora e construtiva com os conteúdos abordados em sala de aula” (OLIVEIRA, 2010). Entretanto de acordo com a fala do licenciando L8 (NTER), os alunos que não veem isso nas aulas “*ficam decepcionados quando percebem que não é bem assim*”.

Quanto ao modo que eles percebem o ensino de química, surgiram expressões do tipo instigar o aluno, atender a realidade, entusiasmar e estimular, reconhecer o que foi ensinado, evidenciar a presença da química em sua vida pessoal, aprofundar o ensino e capturar o interesse. O licenciado L9 (NTER) sugere ainda que sejam aplicados “algum atrativo visual”, jogos, laboratório de informática, jogos teatrais e outros. Concepções, em sua maioria, voltadas às relações entre conteúdos e cotidiano e entre metodologias que atraem a atenção e o interesse dos alunos para aprendizagem dos conteúdos da Química.

Zabala (1998) critica o uso da palavra conteúdo quando a ela se limita o que os alunos devem aprender de determinada disciplina, conferindo-lhe uma supervalorização como única forma de formação integral. Essa concepção está muito presente nos discursos dos

licenciandos. Por conteúdo devemos compreender tudo aquilo necessário para alcançarem os objetivos do ensino, incluindo não somente as capacidades cognitivas, mas também as motoras, as afetivas, as de relação interpessoal e as de inserção social.

Considerações Finais

Nesse estudo foi possível conhecer e, ao mesmo tempo, refletir sobre as visões dos licenciandos em Química sobre a escola, bem como algumas perspectivas e dilemas atuais da organização escolar e, principalmente da sala de aula enquanto espaço de situações de aprendizagem. Nesse sentido, essa reflexão requer, antes de tudo, considerar as condições estruturais e organizacionais dos espaços escolares frente à função social da escola e os objetivos da educação.

Verificou-se então que essas condições influenciam o trabalho do professor e as práticas escolares em que as políticas públicas são responsabilizadas em propiciar uma educação de qualidade. Em contrapartida, observou-se também que muitos alunos almejam não apenas como sujeito da sociedade, mas como ser capaz de transformá-la na perspectiva crítico-política. Mas de acordo com a visão dos alunos a escola seria responsável pela formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade.

A análise dos relatos dos licenciandos também permite considerar que a escola ainda não superou práticas tradicionais vinculadas apenas ao papel de instrução, permeadas pela transmissão passiva dos conteúdos químicos, pela falta de vinculação dos conteúdos sistematizados com o cotidiano dos alunos, pelo não uso de metodologias mais dinâmicas e que realmente pudessem contribuir com o ensino mais crítico. As reflexões dos alunos mostram, assim, que o reconhecimento da escola como espaço formador também implica em mudanças nas concepções ideológicas e nas práticas dos professores em que esses trabalhassem em uma perspectiva contextualizada, crítica e construtiva.

Por fim, a análise possibilitou concluir que, apesar de todas as limitações e fragilidades das condições de ensino aprendizagem supracitadas, os licenciandos em Química sendo bolsistas ou não, reconhecem a escola como um espaço singular de formação docente, de formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

COSTA, V. L. P.; **Função social da escola**. Disponível em:
<http://www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf> Acesso: 26 abr. 2016.

LIBÂNEO, C. J.; **Pedagogia e pedagogos. Para quê?** 5. ed. São Pulo: Cortez, 1996.

_____. **Organização e gestão da escola - Teoria e Prática**. 5. ed. São Pulo: Cortez, 2004.

MACEDO, S. M. F.; A dimensão ética do ato de avaliar no cenário educacional brasileiro de hoje. **Revista IBERO-Americana de Estudos em Educação**, v. 7, n. 4, 2012, p. 113.

MORAES, R. G. M. C.; **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí; 2011.

OLIVEIRA, H. R. S.; **A Abordagem da Interdisciplinaridade, Contextualização e Experimentação nos livros didáticos de Química do Ensino Médio**. Monografia (Licenciatura em Química). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE, 2010.

PAREDES, G. G. O.; GUIMARÃES, O. M.; Compreensões e Significados sobre o PIBID para a Melhoria da Formação de Professores de Biologia, Física e Química. **Química Nova na Escola**, v. 34, n. 4, p. 266-277, nov. 2012.

ZABALA, A.; **A Prática Educativa – como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.